

A Experiência do Instituto Ecoar para a Cidadania e da Associação Ecoar Florestal na conservação da sociobiodiversidade no Estado de São Paulo¹

**Gabriela Priolli de Oliveira²
João Carlos Seiki Nagamura³**

1992, um ano marcante para ambientalistas, educadores, cientistas e todos aqueles que ansiavam e acreditavam, apesar de tantas evidências contrárias, na possibilidade de mudanças em nosso modelo civilizatório, rumo a um novo século sustentável.

A Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO 92) chama a atenção para os efeitos globais da crise ambiental. As previsões de estudiosos e ambientalistas então julgados extremistas e catastróficos, hoje se tornam perceptíveis até mesmo aos mais descrentes. No entanto, durante o Fórum Global das ONGs, o sentimento era de esperança e de renovação, apontava-se para a necessidade de mudanças e para a adoção de novas condutas políticas, econômicas, técnicas e, principalmente, éticas frente ao desafio de sustentar e respeitar a vida no planeta.

É o momento em que ganha força um conceito cunhado a partir da vivência e reflexão dos ambientalistas dos países em desenvolvimento, o conceito "socioambiental", marcando claramente a impossibilidade de se desvincular as questões ambientais das sociais. Esta abordagem se amplia a outros conceitos ecológicos como é o caso da "sociobiodiversidade" indicando um avanço para além da visão preservacionista da natureza. Procura-se acentuar a idéia de que *a biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural e do cultural⁴*.

A concepção socioambiental, base para ações transformadoras em busca de um mundo mais justo e equitativo, foi traduzida em um importante documento, fruto deste momento efervescente, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global⁵, produzido a partir de uma aliança internacional entre várias pessoas comprometidas em criar oportunidades e processos educativos para a construção de sociedades sustentáveis.

Foi da vontade de fazer ecoar e repercutir os princípios do Tratado que nasceu, em 92, o Instituto Ecoar para a Cidadania, uma Organização Não Governamental, sediada em São Paulo, com a missão de atuar em questões ambientais emergentes, contribuir com a construção de sociedades sustentáveis e influenciar políticas públicas socioambientalmente corretas. Quatro anos

¹ Instituto Ecoar para a Cidadania e Associação Ecoar Florestal. www.ecoar.org.br

² Instituto Ecoar para a Cidadania/CEDES. www.ecoar.org.br

³ Associação Ecoar Florestal. www.ecoar.org.br

⁴ Diegues, Antonio Carlos Sant'Ana. Sociobiodiversidade. In Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Luiz Ferraro (org) Brasília: MMA, 2005.

⁵ Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, Fórum Global da ONGs - 1992

depois, com o objetivo de capacitar a entidade para desenvolver ações, voltadas à produção, restauração e conservação florestal, de forma mais especializada, fundamos a Associação Ecoar Florestal.

Ao longo dos anos temos nos aprofundado em estudos e práticas de educação para sustentabilidade que promovam a disseminação de conhecimentos, valores, atitudes, comportamentos, habilidades e contribuam para a sobrevivência de todas as espécies e sistemas naturais do planeta, para a equidade social e a emancipação humana.

Atuamos em regiões metropolitanas, periurbanas e rurais, elaboramos e implementamos programas e projetos de florestas urbanas, atividades de extensão florestal, gestão compartilhada de áreas densamente urbanizadas, de unidades de conservação, de parques e demais áreas de propriedade e/ou uso público, gerenciamento participativo de bacias hidrográficas, elaboração de Agenda 21 local. Criamos material institucional e educativos, como vídeos, livros, cartilhas, agendas, jogos, considerados referências nas esferas ambientalistas. E por meio do Centro Ecoar de Educação para a Sustentabilidade, criado em 2004, promovemos cursos, seminários, eventos de sensibilização e capacitação. Também destacamos a participação nas questões da formação e animação de redes sociais, como a coordenação da Rede Brasileira de Educação Ambiental – REBEA e a proposta de criação da Rede de Educação, Articulação Social e Conservação da Biodiversidade da CI Brasil, além de participarmos como membros de diversas outras redes.

Os nossos programas florestais objetivam o desenvolvimento florestal, aliando produção florestal à conservação da biodiversidade por meio do manejo da paisagem em propriedades rurais. Procuramos estimular a produção florestal, a restauração florestal de áreas de preservação permanente – APPs, Reserva legal e áreas degradadas, a geração de renda a partir de produtos florestais não madeireiros, com espécies florestais, em quantidade e qualidade adequadas para sua manutenção, sem que haja uma degeneração genética.

O público envolvido diretamente nos programas florestais são os produtores rurais, pois consideramos que *em última análise os usuários dos recursos naturais locais são aqueles que tomam a decisão*⁶ e agem sobre o ambiente e de suas ações podemos garantir ou não a sustentabilidade ambiental local. A possibilidade de adesão dos produtores rurais aos projetos de restauração ou plantios florestais, segundo nossa experiência, depende em grande parte, de alternativas associadas à questão econômica, à geração de renda e a sua manutenção no campo, que gerem alternativas para a produção e desta forma, uma diminuição da pressão sobre a mata nativa.

Entre os anos de 1994 e 2005, como resultado destes projetos e das atividades de produção florestal, foram plantados mais de nove milhões de árvores, beneficiando diretamente cerca de 500 produtores rurais de diferentes municípios do estado de São Paulo. Resultados que se revertem em conservação da biodiversidade local.

Para atender a demanda de nossos projetos florestais foram implantados dois viveiros no interior do estado. Estes viveiros têm capacidade para produzir

⁶ Diegues, Antonio Carlos Sant’Ana. Sociobiodiversidade. In Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Luiz Ferraro (org) Brasília: MMA, 2005.

conjuntamente cerca de 1,8 milhões de mudas/ano. Além de suprir as demandas florestais, os viveiros têm se destacado, regionalmente, pela diversidade de espécies florestais nativas que produzem, fator de fundamental importância para a qualidade e êxito dos projetos de restauração florestal. A fim de ampliar ainda mais a diversidade de espécies desenvolvemos atividades de mapeamento de áreas remanescentes de vegetação visando à marcação de matrizes para a coleta de sementes florestais nativas, que atendem não só a demanda própria, como de outros parceiros.

Nossas ações estão inseridas no Bioma Mata Atlântica, cujo contexto ambiental atual, nos remete a um desastroso histórico de desenvolvimento e ocupação do território, comprometendo seriamente a conservação da biodiversidade e vem causando uma série de impactos socioambientais. Os levantamentos oficiais da cobertura florestal do Estado de São Paulo, ao longo dos anos, tornam evidente a evolução acelerada da supressão da cobertura vegetal florestal nativa, prevendo-se a manutenção ou o agravamento dessa tendência para as décadas subseqüentes. Tais dados mostram que a cobertura vegetal original das matas no Estado de São Paulo, que correspondia a cerca de 80% de seu território, passam, em 1907, a cobrir o equivalente a 58% do território⁷ e, em 1991, apenas 12,8%⁸.

As estatísticas mostram que a cobertura florestal nativa no Estado de São Paulo no ano de 2000 já estava em torno de 11% do que era a sua formação original. A fragmentação florestal, um fenômeno que se observa em várias áreas do estado, reduz e isola as florestas, provocando a perda do habitat e alterando as relações ecológicas responsáveis pela manutenção das espécies e das comunidades biológicas isoladas em seus remanescentes.

Esse panorama de degradação tem gerado conseqüências que vão desde a extinção de espécies até desequilíbrios observados no ambiente agrícola, dentre os quais podemos ressaltar o assoreamento de corpos d'água, desbalanços nos regimes hídricos, empobrecimento dos solos e perda de biodiversidade regional, afetando diretamente a qualidade de vida da população rural e efeitos no ambiente urbano, como enchentes, deslizamentos de encostas de morros, assoreamentos e contaminação das águas, entre outros.

O enfrentamento ao estado grave de degradação na área rural, não se dará exclusivamente, por meio de ações isoladas ou técnicas de manejo florestal, sem levar em conta a população residente nestes locais. Assim, procuramos aliar a conservação da biodiversidade à educação ambiental nos projetos de restauração e conservação florestal, na promoção do desenvolvimento local sustentável, nos programas de fomento florestal junto a pequenos agricultores familiares, na gestão compartilhada de microbacias hidrográficas, no estímulo ao plantio de árvores de espécies nativas com o fim de seqüestrar carbono da atmosfera, na assistência e capacitação florestal para mudanças em técnicas de plantio direto e de cultivos agroecológicos.

O projeto Floresta da Família, em fase final de execução, pode ser considerado um exemplo de um projeto de restauração florestal que tem como

⁷ VICTOR, M.A.M. *A devastação florestal*. Sociedade Brasileira de Silvicultura. São Paulo. 1975

⁸ SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria do Meio Ambiente. Instituto Florestal. *Inventário florestal do estado de São Paulo*. São Paulo, S.P. 199 p. 1993.

objetivo principal envolver o produtor rural no manejo florestal de suas áreas, na restauração de matas e áreas degradadas e da biodiversidade local.

Temos como pressuposto que qualquer intervenção socioambiental visando a incorporação do elemento arbóreo, como os projetos de restauração florestal, em propriedades rurais deve ser planejada em conjunto com os proprietários, uma vez que eles serão os principais executores das propostas e são *fontes originais do saber*⁹, de quem nasceu e vive nestas terras.

A metodologia do projeto foi desenhada de forma a integrar o componente técnico florestal e as ações de manejo à participação direta dos produtores rurais, em todas as etapas de execução. Além do estabelecimento de parcerias com vários atores sociais locais, órgãos representantes dos(as) agricultores(as) familiares ou órgãos atuantes no ambiente rural que detém informações e redes de relações diretamente com os agricultores familiares, o público envolvido no projeto.

A participação e o envolvimento dos agricultores(as) familiares, alicerces desta proposta, foram consolidadas e tornaram-se mais consistente ao longo do tempo e de forma gradual. A estratégia de consolidação destas parcerias abrangeu uma série de atividades, como uma ampla divulgação do projeto, associada a reuniões e oficinas periódicas, o contato pessoal com os(as) agricultores(as) familiares, oficinas e reuniões temáticas, visitas a cada uma das propriedades, desenvolvimento de projetos de manejo em cada propriedade desenhados juntos com os proprietários, acompanhamento e assessoria técnica aos projetos de execução nas áreas. As reuniões e oficinas de trabalho, executadas com frequência e de forma constante, se transformaram no espaço de integração onde todos os atores sociais interagem e discutiam os objetivos do projeto e sua inserção na execução e condução do mesmo. Tornaram-se o espaço de troca de experiências e de diálogo onde pudemos identificar as diferentes leituras sobre a incorporação do elemento arbóreo em sistemas produtivos, os problemas, resistências, opiniões e aspirações de cada um. E onde, em conjunto, foram pensadas as soluções decisivas para atingir os objetivos do projeto. Detectamos que a manutenção destes espaços constantes e de diálogo com os(as) agricultores(as) familiares foi o grande diferencial na condução da proposta, indispensável para o sucesso da restauração florestal e conservação da biodiversidade.

Além de projetos de intervenção na área rural, temos incentivado e participado da criação de duas redes florestais, a Rede de Sementes Florestais Rio - São Paulo e a Rede de Sementes Florestais da Florestal Estacional Semidecidual de São Paulo, estendendo a vivência e os exemplos das redes de educação ambiental para outras áreas e proporcionando novas formas de articulação social que podem fortalecer os projetos isolados de restauração florestal. A Rede de Sementes Florestais da Florestal Estacional Semidecidual do estado de São Paulo nasceu da dificuldade constatada em comum pelos parceiros dos projetos florestais para a obtenção de sementes florestais que enriquecem os programas de restauração. A tarefa de restaurar as matas nativas envolve um conjunto de fatores associados e complexos, além da

⁹ Brandão, Carlos Rodrigues. Comunidades aprendentes. In Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Luiz Ferraro (org) Brasília: MMA, 2005.

simples escolha pela utilização de “espécies nativas”, dentre os quais, a obtenção de sementes em quantidade, variabilidade e com qualidade, o envolvimento das pessoas na tarefa e da população rural. As soluções para estas questões, debatidas na rede, tem trazido avanços significativos para os estudos na área florestal, bem como para os projetos de restauração e conservação da biodiversidade.